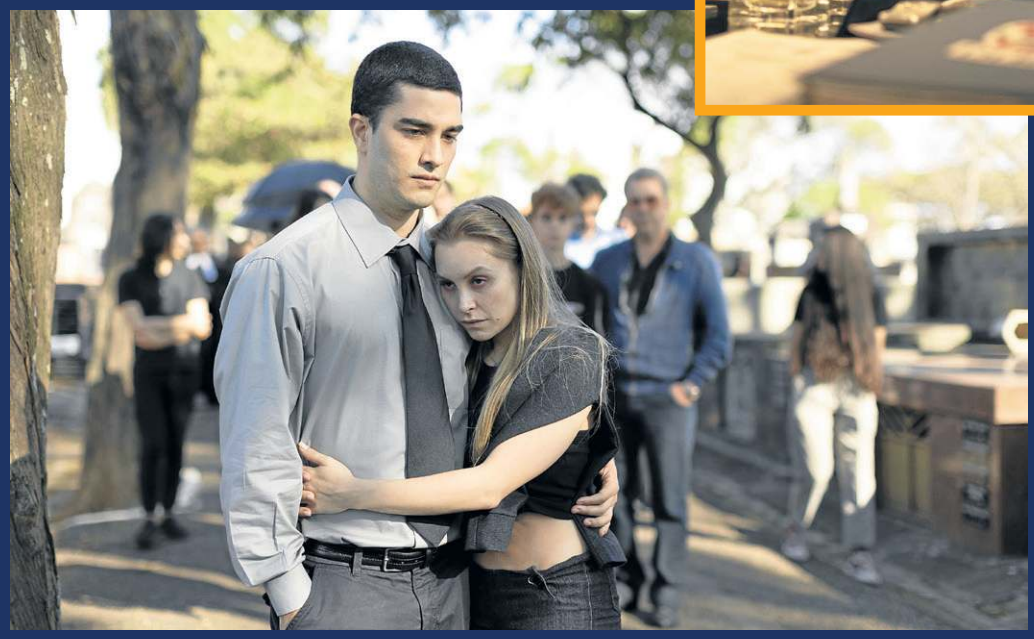
Bárbara Colen é a nova adição ao elenco da trilogia

Carla Diaz e Leonardo Bittencourt fazem o papel de Suzane von Richthofen e Daniel Cravinhos



Cena do filme, em cartaz no Prime Video e que encerra a trilogia sobre o crime que abalou o Brasil

Com os holofotes voltados para a investigação policial, uma nova adição foi feita ao elenco central do filme: a atriz Bárbara Colen, que dá vida à investigadora responsável pelo caso. "Eu me formei em direito antes de ser atriz e trabalhei com isso por muito tempo, então, quando apareceu essa personagem, eu falei 'oba, vamos lá!', porque eu adorava a parte de direito penal", revela.

Antecedendo ao início da gravação, Bárbara relembra que passou por dias de estudo extremo do caso, que define como "uma pesquisa muito intelectual". "Eu vi que o Maurício daria muito espaço para nós improvisarmos, que isso seria uma possibilidade dentro do filme, então eu sabia que quanto mais informações eu tivesse, quanto mais eu soubesse exatamente como tinham acontecido os interrogatórios, eu poderia trazer novidades que estavam ali no caso, mas não estavam no roteiro", conta a atriz. "Foi muito importante, nesse filme, o compromisso que tiveram de manter a história muito fidedigna com o que de fato aconteceu na investigação", complementa.

Responsabilidade

Nos protagonistas, recai o encargo de retratar uma das tragédias mais conhecidas do país. "O crime aconteceu há 20 anos, então existem gerações que conhecem e sabem do caso, mas cabe a nós a responsabilidade de trazer esse debate novamente", afirma Leonardo Bittencourt, que dá vida a Daniel Cravinhos na ficção. "Não foi um caso isolado. Acho que o que incomoda muito a sociedade é a sensação de que, voltando com essa história, a gente traz à tona uma situação específica, mas, na verdade, o crime de parricídio (morte de um dos pais pelo próprio filho) continua acontecendo, e o papel da arte é provocar esse debate, para que a gente identifique comportamentos que não podem se repetir", opina o ator.

Carla Diaz, que faz o papel de Suzane nos filmes, relembra de acompanhar o caso ainda na adolescência, aos 11 anos. "Me marcou muito. Era um caso que estava muito presente na televisão, na rádio, na mídia como um todo", recorda. Por isso, a atriz revela que foi importante se desapegar de qualquer juízo de valor antes de viver a personagem. "Para mim, a principal questão, quando recebi o papel, foi tirar meu julgamento pessoal sobre o caso para poder interpretar com veracidade, poder me entregar à personagem e não ficar julgando em cena o que aconteceu, porque a dramaturgia também serve para contar qualquer tipo de história, ela é necessária, inclusive, para trazer reflexões sobre qualquer tipo de assunto", finaliza.